

da luz

um frio que, associado à luz da manhã, se converte em símbolo de um límpido e inaugural olhar mundo

I

o percurso que conduz ao movimento, que leva o actor a compreender a linguagem em jogo, pela via dos sentidos ao submeter-se espontânea e cuidadosamente a estímulos diversos permitam observar as reacções naturais do corpo - enquanto organismo - através de um trabalho ritmo, com materiais, com o som ou, com a cor.

e

para que possa entender a dinâmica de um som ou uma cor determinada, é elemento fundamental a luz.

aquela luz que adquire formas num diálogo com o espaço, com o movimento - a luz que su imagem que se quer transmitir ao espectador.

a luz e a penumbra jogam.

permitem apontamentos que recriam o abismo, o precipício (onde o movimento se perde nos lim espaço) - apontamentos que confundem e surpreendem o espectador.

e

é o olhar do “artista” - enquanto operador do processo - que lhe dá dimensão.

as regras podem ser subvertidas (alteradas) pela luz. a exploração dos efeitos podem permitir ver esculturas luminosas, misturas de tons...

de uma forma geral utiliza-se a luz para iluminar objectos, actores...

poucas são as vezes em que se considera a luz em si.

daí que não experimentemos, tomemos partido do seu real poder. aquele poder que nos p entendimento da dinâmica de uma cor determinada ou dos materiais utilizados na acção...

a luz que nos ajuda a sentir

o tempo

a chuva

o vento...

não a luz enquanto mera experiência científica ou espiritual - falamos da luz como contributo (porque estético) que permite a viagem por entre acções que implicam o drama em espaço físico e liberto.

um espaço que “exige seja ocupado e que permita uma linguagem própria e concreta” como diria artaud.

portanto, a luz é contributo incontestável para a concepção de um espaço de diálogo, aberto aos s um espaço independente e livre de qualquer imposição, aberto a toda e qualquer linguagem. a espontaneidade e á criatividade que irrompe do corpo (todo) do actor - o sacerdote do ritual. do dr

II

deve-se, pois, olhar a luz como algo que - como na aproximação dos faróis de um carro que n atropelar

nos faz ficar imóveis e deslumbrados.

então

devolvemos ao espectador o que ele transporta consigo

devolvemos ao espectador uma obra que provoca um despertar

III

muitas experiências religiosas explicam-se utilizando um vocabulário de vazios de luz - mas a arte deve conduzir o homem ao espiritual não necessariamente religioso.

e

o espiritual tem sido historicamente o objectivo e o território da arte.

as religiões usam e abusam da arte para se aproximarem do terreno

e

a arte deve fazer crescer o espectador ou pelo menos recordar coisas para além do visual e do terreno

ao mesmo tempo,

o operador do processo sabe que os sentidos podem evocar a espiritualidade mas não nos transportam necessariamente para aí.

IV

com a luz as regras mudam - a mistura dos tons luminosos não é um projecto espiritual ou científico, educação, é cultura.

a luz é embrionária - nos passados séculos não havia instrumentos musicais sofisticados possíveis grandes sinfonias. ter à disposição instrumentos, não implica boa música... - obtemos luz quando dispomos de um bom olhar

e

material aceitável.

m. almeida e sousa